

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 20

Filosofia 11.º ANO

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica
Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Iremos agora ocupar-nos do problema central da Filosofia da Arte: o problema da definição de arte, o qual pode ser formulado da seguinte forma: “O que é a arte?”. O problema é relevante, porque não interagimos com as obras de arte do mesmo modo como fazemos com os objetos comuns. Assim, é importante encontrar um critério seguro para que possamos saber distinguir o que é a arte da não-arte.



O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar o conhecimento formulando explicitamente o problema filosófico da possibilidade de conhecimento, à luz da perspectiva empirista e racionalista, avaliando criticamente ambas as respostas ao problema filosófico em questão;
- Formular o problema da demarcação. Caracterizar a concepção indutivista da ciência e proceder à sua avaliação crítica. Caracterizar o falsificacionismo de Karl Popper e proceder à sua avaliação crítica;
- Formular o problema da objetividade da ciência, avaliando criticamente a posição de Popper. Descrever os diferentes momentos de desenvolvimento científico segundo Kuhn, clarificando as noções de paradigma, anomalia, crise científica e incomensurabilidade;
- **Formular o problema da definição de arte e explicitar a sua relevância filosófica, distinguindo a abordagem essencialista da abordagem não essencialista. Caracterizar as teorias da representacionista, expressivista, formalista, institucional e histórica de arte;**
- Formular o problema da definição da existência de Deus e explicitar a sua relevância filosófica, enunciando os argumentos cosmológico, teleológico (Tomás de Aquino) e Ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus. Avaliar criticamente estes argumentos. Caracterizar criticamente a posição fideísta de Pascal e o argumento do mal de Leibniz.



COMO VOU APRENDER?

GTA 18: O problema da definição de arte

GTA 19: A teoria da arte como representação

GTA 20: A teoria da arte como expressão

GTA 21: A teoria da arte como forma

GTA 22: A teoria institucional

GTA 23: A teoria histórica

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte

Análise e compreensão da experiência estética



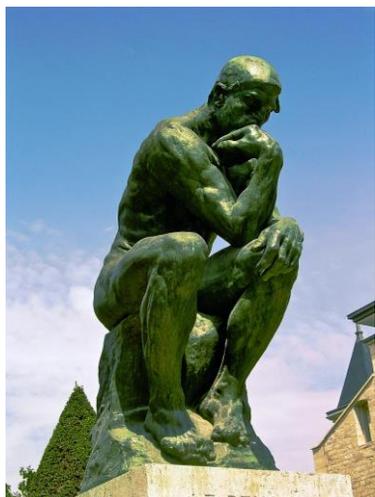
GTA 20: A teoria da arte como expressão

Objetivos:

- Identificar e classificar como essencialistas ou não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte.
- Clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos das teorias da arte como expressão.
- Analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte.

Modalidade de trabalho: individual e/ou em pequeno grupo.

Recursos e materiais : Caderno diário, manual escolar e *internet*.

**2.2 A teoria da arte como expressão**

«Nada pode ser mais lugar-comum do que dizer que o artista exprime as emoções. A ideia é familiar a todos os artistas e a todo aquele que já teve algum contacto com as artes. (...)»

R. G. Collingwood, «A Arte Autêntica Como Expressão», in Vítor Moura, *Arte em Teoria – Uma Antologia de Estética*, Edições Húmus, 2009, p. 43

Existem várias teorias que defendem a teoria da arte enquanto expressão. Em geral, uma teoria expressivista defende que a arte é essencialmente expressão de sentimentos ou emoções.

Para Collingwood, a essência da arte é a expressão de emoções, a qual consiste num esforço de clarificação das emoções que o artista tem, mas não compreende bem. Trata-se, assim, de sentimentos em bruto que inicialmente o artista nem sequer é capaz de identificar. A clarificação de emoções obtida pelo artista ao pintar, compor ou escrever não significa apenas que ele se torna consciente de que a emoção sentida era uma emoção em específico (a alegria e não a esperança, ou o medo e não a revolta), mas também que alegria ou que medo seriam esses. Por outras palavras, o que está em causa na arte não são emoções gerais, mas sim emoções específicas. Podemos, assim, definir a arte como algo que foi produzido por alguém com o intuito de exprimir as suas emoções, mas também de as clarificar.



Por outro lado, Collingwood considera que algumas coisas consideradas arte não são realmente arte. Aqui, é importante distinguir a **arte** de **ofício**. Nos ofícios (olaria ou carpintaria, por exemplo) usa-se um certo meio material para alcançar um determinado fim. Neste sentido, nos ofícios transformamos um material num outro produto, segundo planos pré-estabelecidos, ao passo que o verdadeiro artista não sabe o que vai fazer previamente, nem tem um plano estruturado para cumprir uma determinada tarefa. Os verdadeiros artistas só têm consciência daquilo que expressam durante o processo de criação, não existindo por isso distinção entre meios e fins, como ocorre nos ofícios. Mesmo nas obras de arte que carecem de planeamento (como as estátuas de grandes dimensões ou pinturas de difícil execução técnica), o mais importante é a componente de exploração pessoal e de descoberta, característica que não encontramos no ofício.

«Até que um homem seja capaz de exprimir a sua emoção, ele ainda não sabe de que emoção se trata. O ato de exprimir é, portanto, uma exploração das nossas próprias emoções. Ele está a tentar descobrir quais são essas emoções.»

R. G. Collingwood, *ibid.* p. 45

Collingwood defende que o mesmo acontece na música, no teatro ou no cinema quando estes visam o entretenimento (distrair e divertir as pessoas) e não a expressão das emoções do artista. A verdadeira finalidade da arte não é despertar ou desencadear emoções, mas, expressar e clarificar as emoções do artista e dar a oportunidade ao público para expressar e clarificar as suas, de modo que a verdadeira arte promove o **autoconhecimento** do artista, mas também do público, ganhando consciência do seu mundo interior e das forças emocionais que neles existem.

2.2.1 Objeções à teoria da arte como expressão

A definição de arte como expressão e clarificação de emoções é demasiado restritiva, pois exclui muitas obras que habitualmente são consideradas artísticas, sendo muitas delas reconhecidas como obras-primas. Por outro lado, sabe-se que muitas obras de arte paradigmáticas, de artistas como Miguel Ângelo (teto da Capela Sistina, no Vaticano), ou mesmo o *Requiem* de Mozart, foram feitas por encomenda. Ora, à luz desta teoria, as mesmas, muito provavelmente, não se constituem como manifestações espontâneas dos sentimentos dos artistas e, por isso, não podem ser consideradas obras de arte. Deste modo, parece implausível que a clarificação de emoções seja uma condição necessária da arte.

Outra objeção que pode ser feita é que, muitas vezes, não é possível saber o que sentiram determinados artistas ao fazerem as suas obras, na medida em que alguns são artistas desconhecidos, outros morreram há muito, outros viveram em épocas e contextos muito diferentes dos nossos... Deste modo, a experiência imaginativa das emoções não é reproduzível pelo observador da obra de arte. Sendo assim, ao contrário do que defende Collingwood, a apreciação de uma obra de arte deve ser independente dos sentimentos do artista.



TAREFA 1

Após leitura atenta da informação anterior, **abre** o teu manual no problema da definição de obra de arte e, de seguida, **responde** aos seguintes desafios que colocamos:

Com base nos dados recolhidos no teu manual, **resume** no teu caderno as **principais características da teoria da arte enquanto expressão** e que **críticas/objeções** lhe podem ser feitas.

TAREFA 2

Em articulação com um colega, com base nos dados recolhidos no teu manual de Filosofia e após análise do texto de R. G. Collingwood, **respondam** à seguinte questão, a qual deverá ser escrita nos vossos cadernos diários da disciplina:

Até que um homem seja capaz de exprimir a sua emoção, ele ainda não sabe de que emoção se trata. O ato de exprimir é, portanto, uma exploração das nossas próprias emoções. Ele está a tentar descobrir quais são essas emoções. Existe aqui certamente um processo direto, ou seja, um esforço dirigido para um certo fim; mas esse fim não é algo de previsto e preconcebido, para o qual é possível pensar-se nos meios adequados à luz do nosso conhecimento da natureza particular do mesmo. A expressão é uma atividade para a qual nunca haverá uma técnica.

R. G. Collingwood (1938). The Principles of Art. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 111

Como podemos distinguir arte de ofício? Podes recorrer à *internet* para investigar mais informação sobre o que Robin George Collingwood (1889-1943) escreveu relativamente a este assunto.



TAREFA 1

Teoria essencialista	Tese principal	Principais ideias	Objções
Arte enquanto expressão	A arte é expressão imaginativa das emoções.	<p>A essência da arte é a expressão clarificadora de emoções: ao criar a obra, o artista exprime emoções que não sabia identificar, ganhando assim consciência e compreensão delas.</p> <p>O artista, ao clarificar as suas emoções, permite ao público também clarificar as suas. A arte promove o autoconhecimento (do artista e do público), não sendo uma mera forma de entretenimento.</p> <p>Quando a música ou o cinema, por exemplo, visam o entretenimento, não são formas de arte autêntica, mas sim de ofício.</p>	<p>Nem sempre é possível saber o que sentiram os artistas ao fazerem as suas obras e por isso a experiência imaginativa das emoções não é reproduzível pelo público.</p> <p>A definição de arte como clarificação de emoções é restritiva e exclui muitas obras (ou por não exprimirem emoções ou por terem sido criadas para entreter o público), as quais são claramente artísticas, constituindo assim um contraexemplo à teoria.</p>

TAREFA 2

Segundo **Collingwood**, um ofício é uma atividade/processo pelo qual uma determinada matéria-prima é transformada num produto previamente concebido. Esta atividade recorre a determinadas técnicas suscetíveis de serem aprendidas (p.e. carpintaria, serralharia e sapataria).

A arte propriamente dita é um processo de esclarecimento das emoções do próprio artista. Assim, o verdadeiro artista não se limita a produzir algo preconcebido pela imaginação, ou seja, a criar um produto final, previamente idealizado, seguindo planos previamente estabelecidos e recorrendo a determinadas técnicas. Com a arte, o artista começa por sentir uma carga emocional vaga e confusa e recorre à expressão artística, para explorar estes sentimentos/emoções de forma consciente e deliberada. Apenas e após todo este processo, o artista é capaz de compreender inteiramente os seus sentimentos.



O QUE APRENDI?

És capaz de ...

- avaliar a ideia de que a arte é definível?
- identificar e classificar como essencialistas ou não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte?
- clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos das teorias da arte como expressão?
- analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte?

Procura no teu manual escolar os exercícios resolvidos sobre o tema “**A teoria da arte como expressão**”. **Analisa-os** e **resolve-os** sozinho. Por fim, **compara** a tua resposta com a do manual e com as dos teus colegas.

Estuda, com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza a videoaula sobre “[Filosofia da arte: teorias essencialistas](#)”

